



VARIAÇÕES FONÉTICO-FONOLÓGICAS NA FALA DE MORADORAS DO BAIRRO DE TAIPAS NA CIDADE DE SÃO PAULO

Giulia Rodrigues da Silva
Universidade de São Paulo (USP)

Resumo: Fenômenos fonético-fonológicos dependem de determinados fatores para ocorrerem. Pensando na grande diversidade de pessoas encontradas na periferia de São Paulo, e os diferentes dialetos presentes, resolveu-se observar as falas de moradoras para entender suas peculiaridades, analisando o que ocasiona variações e levando em consideração a faixa etária, escolaridade e região em que cresceram. Foram escolhidas informantes com as mais diversas histórias de vida, vindas das regiões Sudeste, Nordeste e Sul. Em alguns dos casos, também foi considerado se as classes gramaticais podem ser um agente condicional dessas variações. A montagem do *corpus* aconteceu por meio de entrevistas, nas quais foram levantadas questões pessoais, como a vivência das entrevistadas em zona urbana ou rural, e sobre o bairro, questionando sua opinião acerca de Taipas. A bibliografia usada teve base em diversos artigos científicos, teses e livros, escritos por pesquisadores como Farias Lins (2018) e Callou e Lopes (2004), que discorrem sobre as particularidades de cada fenômeno pesquisado. O resultado é que na maioria dos casos o aspecto determinante é o diatópico, seguido pelo diastrático e, por fim, o diageracional. A classe das palavras, em algumas das situações, também teve relevância, como no caso do apagamento do /s/ pós-vocálico em final de sílaba, que tem frequência maior em substantivos e adjetivos. A pesquisa mostra que mesmo vivendo anos em outra cidade, o dialeto da região de criação não pode ser apagado, o que talvez ocorra é uma combinação entre os dois.

Palavras-chave: Fenômeno. Fala. Variação.

Phonetic-phonological variations in the speech of residents of the Taipas neighborhood in the city of São Paulo

Abstract: Phonetic-phonological phenomena depend on the occurrence of certain factors. Thinking about the great diversity of people found on the outskirts of São Paulo, and the different dialects present, we decided to observe the speeches of residents to understand their peculiarities and we analysed the causes of these variations, taking into account the age group, education level and region in which they grew up. Subjects with the most diverse life characteristics were chosen, originating from the Southeast, Northeast and South regions. In

some of the cases, it was also taken into account whether the grammatical differences can be considered a conditional agent of these variations. The body of work was assembled through interviews, in which personal questions were raised, such as the interviewee's experience in urban or rural areas, and on the neighborhood, questioning their opinion about Taipas. The bibliography used was based on several scientific articles, theses and books, written by researchers such as Farias Lins (2018) and Callou and Lopes (2004), that discussed the particularities of each researched phenomenon. We found that in most cases the determining factor is the diatopic, followed by the diastratic and, finally, the diagenational. The class of words, in some of the situations, was also relevant, as in the case of the deletion of the post-vocalic /s/ at the end of a syllable, which is more frequent in nouns and adjectives. The research shows that even after living for years in another city, the original regional dialect cannot be erased, but what might occur is a combination of the two dialects.

Keywords: Phenomenon. Speech. Variation.

Introdução

Na periferia da cidade de São Paulo, zona noroeste, localiza-se o bairro de Taipas. Dentro do distrito de Pirituba-Jaraguá, ao lado da Serra da Cantareira, encontram-se as histórias deste trabalho. Seis informantes, oriundas de diversas regiões do país, contam sobre sua ligação com o bairro, o que as fez mudar para lá e o que encontraram quando chegaram.

O nome Taipas significa o plural de taipa, um tipo de construção constituída de barro, material do qual eram feitas as antigas casas da região. Primeiramente, esse nome pertenceu a uma parada de trem, que ligava São Paulo a Jundiaí e, depois, ficou para designar o bairro que, atualmente, perdeu sua ligação com os motivos que originaram seu nome.

No século XIX, a região era um grande sítio, os moradores se dedicavam à prática da agricultura, além de fazerem trabalhos em olarias, pedreiras e alambiques. No início do século XX, começou a ocupação do local. Agora ele servia como parada para tropas. Elas orientavam boiadas que seguiam para o abate em um frigorífico na Lapa.

Por volta da segunda metade do século XX, começou uma política de expansão habitacional, e projetos como o CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano) e a COHAB (Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo) foram inseridos na comunidade. Em outras partes, novos moradores começavam a ocupar terras.

Atualmente, Taipas continua em expansão, ganhando novos comércios e lojas. O que torna a vida mais confortável para alguns pode ser um problema para outros, já que a ascensão econômica de um bairro não significa que ocorrerá o mesmo com os seus moradores. A gentrificação se tornou um acontecimento presente desde a criação de novos mercados e shoppings.

No bairro, moram pessoas de diversas raças e etnias, nascidas na cidade de São Paulo ou migrantes de variadas regiões do país, fato esse que promove uma grande variedade linguística, com diferentes dialetos, sotaques e fenômenos. Elas também trazem como bagagem conhecimentos diversos, nascidos de uma vivência única, às vezes na zona rural, outras na urbana.

É pensando nessa variedade linguística que o *corpus* deste trabalho, feito para compor a nota final da disciplina de Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa I do curso de Letras da USP, foi montado. O objetivo é realizar uma análise usando como base a entrevista de moradoras do bairro de Taipas, considerando os fatores diageracional, diastrático, diatópico e as classes gramaticais. Os processos fonético-fonológicos que serão abordados são o apagamento do /r/, o apagamento do plural e do /s/ pós-vocálico em final de palavra, a variação entre /aNo/ e /uN/, o uso do “cê” como segunda pessoa do singular, a monotongação, a aférese, a iotização de [Λ] e o rotacismo.

Revisão Teórica

Para a elaboração do capítulo “A sociolinguística” foram utilizados os livros de Labov (1972), pioneiro e fundador dos estudos da sociolinguística variacionista, e Ilari e Basso (2006), que exprimem uma visão assertiva do português brasileiro falado atualmente.

O trabalho de Callou e Lopes (2004), feito a partir de entrevistas informais com moradores do Rio de Janeiro, serviu de base para as conclusões acerca do apagamento do /r/ em final de verbos infinitivos, no qual constataram ser o fenômeno comum em todo território brasileiro.

Silva e Cunha (2019) e Simões (2006) pesquisaram o desaparecimento do /r/ pós-vocálico e descobriram que uma consoante seguida de uma vogal possibilita o abafamento do som vocálico, fazendo com que o falante simplifique a sílaba e apague o /r/.

Farias Lins (2018) guiou as comparações diageracionais quanto à queda do plural, certificadas em sua pesquisa com os falantes de Maceió. Brito (2020) auxiliou na questão da influência das classes gramaticais no apagamento do /s/, observada durante sua experiência registrando a fala dos moradores da favela Cidade de Deus no Rio de Janeiro.

Os estudos de Amaral (1920) revelaram várias nuances do dialeto caipira, o que deu base para a compreensão da ocorrência do “num” e do rotacismo nas falas das informantes. Peres (2006), Ramos (1997) e Andrade (2004), tratando sobre o uso do “cê”, notaram que sua aparição é mais frequente, mesmo que levemente, quando está contíguo a um verbo.

Em seu trabalho, Cristofolini (2011) percebeu que era comum a monotongação de /ou/ ocorrer quando o ditongo estava em sílaba tônica. Ela usou como referencial o falar de Florianópolis e analisou os dados utilizando uma perspectiva acústica e sociolinguística.

Vieira (2012), Mollica et al. (1998) e Gonçalves (1993) estudaram o fenômeno da aférese. Vieira (2012) afirmou que numa sequência de fonemas idênticos, um deles tende a desaparecer. Mollica et al. (1998) certificaram que es- e en- são alguns dos morfemas mais utilizados no processo de aférese, e Gonçalves (1993) constatou que, no caso do morfema es-, o verbo estar é o mais atingido.

Marroquim (1934) presenciou em sua pesquisa com alagoanos e pernambucanos a iotização do [ʌ]. Castro (2006), Costa (2007) e Sanches e Gonçalves (2019) pesquisaram sobre o rotacismo. Castro (2006) identificou que o fenômeno está presente em todo o território paranaense. Costa (2007) descobriu que a escolaridade até quatro anos favorece o aparecimento do rotacismo, e Sanches e Gonçalves (2019) afirmaram que a idade em 50 e 75 anos também é um fator favorável.

Metodologia

Foram escolhidas seis informantes com idades entre 42 e 73 anos, com grau de escolaridade do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio completo e que nasceram ou foram criadas em três regiões distintas do país (Nordeste, Sudeste e Sul). Foi considerado também se o local em que viveram era ambiente urbano ou rural.

A escolha das participantes deu-se de duas maneiras. Primeiro, foram estabelecidos critérios para a seleção: os informantes deveriam ter vivência em diferentes cidades do país, visando a diversidade de dialetos, e ter entre 40 a 75 anos, pensando na maior bagagem linguística que teriam. Depois foram escolhidas informantes conhecidas da pesquisadora que indicaram outras pessoas para o estudo. O fato de serem todas do sexo feminino não foi algo determinado e não é considerado, já que sexo não é um fator estudado nesta pesquisa.

As entrevistas foram feitas por ligação telefônica e gravadas via celular com um fone de ouvido do tipo auricular. O método foi escolhido em decorrência da Pandemia da Covid-19 afim de garantir a segurança de todos. As entrevistas tiveram duração de cerca de cinco minutos cada e não ocorreu ruído de comunicação durante o processo. A conversa foi semiestruturada com perguntas sobre a história de vida das informantes e sua visão sobre o bairro de Taipas.

A transcrição ocorreu de forma oitiva, com o auxílio de um fone de ouvido do tipo supra-auricular e utilizou o método de escrita literal das falas. A análise foi feita estudando as entrevistas separadamente e anotando os fenômenos que eram presenciados na fala de cada

informante. Depois juntou-se as variações que eram comuns entre as participantes e procurou-se verificar se existia algum fator facilitador para a ocorrência. Também foi levado em consideração os fenômenos que aconteceram isolados.

Abaixo estão os dados de cada participante:

Quadro 1 - Dados sobre as informantes					
	Sexo	Idade	Grau de escolaridade	Cidade em que cresceu	Região
Informante 1	Feminino	65	8 anos	Recife/PB	Rural
Informante 2	Feminino	67	4 anos	Nova Esperança/PR	Rural
Informante 3	Feminino	61	11 anos	São Paulo/SP	Urbana
Informante 4	Feminino	73	4 anos	Marília/SP	Rural
Informante 5	Feminino	42	11 anos	Ilhéus/BA	Urbana
Informante 6	Feminino	60	11 anos	Ibotirama/BA	Rural

Fonte: Elaboração da autora

A sociolinguística

A sociolinguística é definida como a ciência que estuda a língua observando os contrastes sociais daqueles que a utilizam. O pioneiro das pesquisas que envolvem o tema foi William Labov (1972) que teve grande notabilidade por ter detalhado um método para o estudo dessa ciência.

Em uma entrevista, Labov (2007) explica que começou suas análises gravando entrevistas e, por isso, passou a observar a variação linguística que até então não era levada em consideração pelas teorias padrões da época, como a estruturalista e gerativista. Com a publicação do livro “Padrões Sociolinguísticos”, que faz uma análise das falas na cidade de Nova York, Labov (1972) fundou a Sociolinguística Variacionista, se apoiando na ideia de heterogeneidade da língua, diferindo-se de autores, como Saussure e Chomsky.

Labov (1972) ainda destaca a importância de manter os estudos da língua escrita, já que o ouvido humano pode ser uma ferramenta um pouco inútil para distinguir certos sons e o conhecimento prévio de um determinado idioma auxiliaria no estudo das falas de seus nativos. Ele diz: “[...] quanto mais se conhece uma língua, mais se pode descobrir sobre ela” (LABOV, 1972, p. 236).

Sobre a diferença entre a língua falada e escrita, Ilari e Basso (2006, p. 180-182) dizem que as pessoas foram ensinadas a se preocupar mais com a segunda do que com a primeira. Também falam que as divergências entre as duas são mais do que morfológicas, envolvem a questão de planejamento. O texto escrito é revisado, arquitetado, enquanto a fala é elaborada na medida em que acontece, com repetições e redundâncias, idas e voltas.

Podemos citar quatro tipos de variações, descritas, também, por Ilari e Basso (2006): diacrônica, que estuda as mudanças através do tempo, comparando diferentes gerações; diatópica, que observa as variações dentro de determinados espaços como cidades, estados ou países; diastrática, que se baseia nas discrepâncias de grupos sociais, como a classe social ou grau de escolaridade; e diamésica, que visa o meio de comunicação em que a língua está sendo utilizada. Além disso, temos a diageracional, que se baseia na faixa etária.

Apagamento do /r/

Em todas as entrevistas presencia-se o apagamento do /r/, principalmente, em final de verbos no infinitivo. Todos os verbos usados que eram dessa forma nominal perderam o som do /r/ no final da última sílaba. Os verbos foram: “fazer, morar, saber, ter, contar, ir, conhecer, trabalhar, poder, juntar, passar, lembrar e passear”, como se vê nas frases abaixo, transcritas das entrevistas:

“cê tinha que **fazê** compra no Panamericano”

“pra **morá** aqui no apartamento”

“Que mais cê qué **sabê**?”

“num vai **tê** colhêta”

“nem te **contá** agora”

“tinha que **i** pela Anhanguera”

“mas.... **conhecê**... **conhecê** o bairro aqui eu não conhecia não”

“ia **trabalhá** na Vila Mangolot”

“pra pode **morá** um *poco* mais afastado”

“a gente conseguiu **juntá** um dinhêro”

“Eu só conhecia assim de **passá** assim”

“Aí eu sou muito velha pra **lembrá**”

“Ôh tenho, sempre volto lá pá **passeá**”

“daqui pá frente **melhorá** mais ainda”

A queda do /r/ em final de palavra de verbos no infinitivo se mostra algo presente no falar não somente das moradoras de Taipas, mas de todos os brasileiros. Sobre isso, Callou e Lopes (2004) afirmam que a regra do apagamento do /r/ é marcante no português do Brasil e, apesar de presente em outros tipos de palavras, está em “estágio mais avançado” nos verbos infinitivos. Também dizem, como comprovado nesta pesquisa, que o apagamento deixou de ser algo presente em uma só classe e se ampliou a todos os falantes, independente do grau de escolaridade deles ou região em que vivem.

O desaparecimento do /r/ pós-vocálico se apresenta igualmente em final de sílaba de outras classes de palavras nas falas das informantes:

“eh meu pai era **agricultô**”

“u’monte de... de **ávores**... era... era uma um lugar bem esquisito”

“tinha **ceteza** ‘tendeu, era muito gostoso”

“bem **melhó** poque quando eu vim pra cá era muito bom”

“era de muito **deseto**, né, não tinha muito movimento”

“tá *pecisando* mai de uma... de uma **ôganização**, né”

“se eu **fô** sai daqui”

“sai daqui pô um **lugá** ruim então *peferi* fica aqui”

“Que mais cê **qué** sabê?”

“eh dêxá eu vê, até os **catôze** anos”

“a gente num deve *recrama* **poquê** a gente aqui tem tudo agora”

A palavra “*poquê*” foi a mais utilizada dentre as outras da tabela. Duas das informantes usaram essa forma e a padrão “porque”, duas utilizaram somente “*poquê*” e outras duas utilizaram somente “porque”. As que utilizaram “*poquê*” possuem diferentes graus de escolaridade e vivência em ambientes distintos. As que mais falaram a forma não-padrão foram a informante 3, nascida na cidade de São Paulo, com o Ensino Médio completo, e a 1, nascida no Amazonas e criada em Recife, com o Ensino Fundamental II completo. As que não disseram a forma não-padrão foram a informante 4, de Marília, com Ensino Fundamental I completo e a informante 6, de Ibotirama, com Ensino Médio completo.

Não há então relação com escolaridade ou região quanto à variação da palavra “porque”. A queda do /r/ no final de sílaba de conjunção pode ser um fenômeno nacionalizado que, quando ocorre, passa despercebido.

As outras palavras, com exceção de “qué” (quer), foram ditas apenas pelas informantes que viveram na região Nordeste do país. A informante de Recife foi quem disse todos os substantivos e adjetivos que aparecem nos exemplos e a de Ibotirama disse somente o numeral “catôze” (catorze). O apagamento silábico em palavras que não são verbos ou conjunções pode ser algo marcante dos dialetos nordestinos, já que não foi constatado na fala de informantes de outras regiões e, tão pouco, parece ter a ver com a escolaridade.

Silva e Cunha (2019, p.179), citando Simões (2006), apresentam uma breve explicação para o desaparecimento do /r/ pós-vocálico:

Simões (2006) explica que a presença “de uma consoante após a vogal (no declive silábico) promove certo abafamento do som vocálico. Isso resulta em um complicador de pronúncia”. Isso faz com que o falante produza a simplificação da sílaba, o apagamento de seu travador, no nosso caso, o /R/.

Constata-se, também, o desaparecimento do /r/ na palavra “para”, que transformada em todas as falas em “pra”, também ganhou a variação “pá” e até mesmo “pô”, que no contexto da fala da informante 1, seria a junção de “pra um”:

Quadro 2 - queda do /r/ em "pra"

Para	N/A
Pra	37 vezes
Pá	13 vezes
Pô	1 vez

Fonte: Elaboração da autora

A palavra “para” em sua forma padrão não foi utilizada nenhuma vez, o que se leva a pensar que a forma “pra”, apesar de informal, já está inserida no vocabulário do brasileiro até mesmo na forma escrita. Então, neste caso, vemos a queda do /r/ no meio de sílaba e não no começo, como seria em “para”. Todas as informantes tiveram a ocorrência de “pá” pelo menos uma vez na fala. A que mais disse “pá” foi a informante 2, com vivência em zona rural e estudo somente até o Ensino Fundamental I, mas foi somente quatro vezes contra cinco em que usou a terminologia padrão.

A informante 1 foi a única que falou a forma “pô”. Além disso, a queda do /r/ no meio de sílaba também aconteceu em outras palavras ditas por ela, em “construtora, precisando e preferi”:

“só tinha mato e depois que a *constutora* começô a trabalhá”

“tá *pecisando* mai de uma... de uma *oganização*, né”

“lugá ruim então *peferi* fica aqui”

Nesse caso, é possível observar que somente ocorreu a queda quando o /r/ foi precedido por /p/ ou /t/, mas nem todas as palavras com o /t/ foram pronunciadas dessa maneira. Quando a consoante anterior era /k/ ou /g/ era dita com o /r/:

“Não, fui **criada** no Recife.”

“eh meu pai era **agricultô**... eh eu *trabaiáva*”

“quarenta e **quatro** ano.”

A variação pode ser causada pela vogal da sílaba seguinte. Nos três casos em que houve a queda do /r/, as vogais eram sempre da mesma posição e arredondamento dos lábios: [o] e [u] posteriores e arredondadas, [e] e [i], anteriores e não arredondadas. Já nas palavras em que o /r/ era pronunciado havia grande discrepância como em [i] e [a], [i] e [u], e [o] e [a]. No entanto, isso deixaria de fora “trabalhava”, que conta com a repetição de [a].

Outras informantes menos escolarizadas e com vivência em região também rural não apagaram o /r/ no meio de sílaba, o que pode significar que essa variação seja própria do falar recifense, mas não temos dados para comprovar.

Apagamento do plural e do /s/ pós-vocálico em final de palavra

O apagamento do plural que, na maior parte das vezes, se deu pela queda do /s/ pós-vocálico em final de palavra, ocorreu em muitas das falas das informantes. Como palavras de outras classes gramaticais também perdem o /s/, a abordagem será iniciada pelo apagamento do morfema -am. As ocorrências foram:

“coisas que *construïro* escolas”

“tinha uns amigos que **morava** aí”

“*pularo* tudo.”

A informante 4 disse as duas primeiras formas, “*contruïro*” e “morava”, e a informante 5, a última, “*pularo*”. Elas têm graus de escolaridade e vivência muito distintas, então pode-se compreender que não é um fenômeno isolado, restrito a um grupo. Não é possível fazer um

comparativo com as outras informantes, pois nenhuma usou verbos no pretérito perfeito ou imperfeito.

Quanto à queda do /s/ pós-vocálico em final de palavra, foi verificado na fala de cinco informantes:

“Nasci no **Amazona**”

“eh eu *trabaiáva* na roça com meu pai, minha mãe **meus irmão**”

“Vai vê **quarenta e quatro ano**”

“tá *pecisando* **mai** de uma... de uma *ôganização*, né”

“eh tinha **as academia**, a igreja lá, tem o coreto”

“tem **bastante supermercados**”

“aí **os patrão** fez opção”

“depois que saiu **os apartamento**, veio inscrição e saiu”

“Agora **nós tem** tudo aqui, né”

“mas **supermercados grande**, nossa muito muita coisa”

“aí nesse lado de **Taipa**”

“tinha **muitas amizade**, né”

“pra todos os **bairros distante**”

“dêxá fazê **minhas conta** aqui”

“continua **os mesmo**”

A apócope do /s/ foi presente em quase todas as entrevistas, com exceção da informante 5. Ela tem grau de escolaridade até o Ensino Médio e viveu em região urbana, diferindo apenas o local em que cresceu da informante 3. Uma possível explicação está em sua idade, sendo a mais nova do grupo com 42 anos. Farias Lins (2018) observou na fala dos moradores de Maceió que os mais velhos tinham uma tendência maior em apagar o /s/ de sua fala:

[...] na fala da comunidade em estudo há uma tendência a uma mudança em progresso, a qual teve sua constatação pelo fato de os falantes mais jovens conservarem mais o plural da concordância nominal e os mais velhos apresentarem um índice maior de variação na fala. (FARIAS LINS, 2018, p. 76)

As informantes que apresentaram mais variação na fala foram a 1, a 2 e a 4. A que apresentou menos foi a informante 2, já a informante 3 teve duas ocorrências. Podemos observar o fenômeno como tendo o fator escolaridade como favorecedor para acontecer. As informantes que mais apagaram o /s/ no final de palavra tinham escolaridade até, no máximo, Ensino

Fundamental II, enquanto as que apagaram menos vezes, ou não apagaram, tinham o Ensino Médio completo. As três com mais variações também são de região rural.

Outra questão são as classes de palavras. Substantivos tiveram a queda do /s/ em todas as falas, seguido por adjetivo, com duas ocorrências, verbo e advérbio, cada um com uma. Para Brito (2020), no seu estudo com moradores da favela Cidade de Deus, essas quatro classes também foram as que tiveram mais variação. Para o substantivo e adjetivo, o autor justifica:

[...] a regra de variação do sintagma nominal do português brasileiro, principalmente a sua variedade popular. Segundo essa regra, o apagamento do morfema de plural tende a ocorrer nos constituintes que aparecem mais à direita dentro do sintagma nominal, posição que é geralmente ocupada por substantivos e adjetivos. (BRITO, 2020, p. 163)

Os únicos casos envolvendo verbo e advérbio foram ditos pelas informantes 2 e 1, respectivamente. Citando também o estudo de Brito (2020), temos mais duas coincidências. Em sua pesquisa, todos os verbos que tiveram a queda do /s/ terminavam com o morfema -mos e o advérbio que mais sofreu com a variação foi o “mais”.

Podemos verificar que existe um padrão para a escolha do apagamento de /s/, pois, quando acompanhado por artigo ou advérbio, o substantivo era quem perdia a consoante, enquanto nos dois primeiros ela era mantida. Já quando o substantivo estava contíguo a um adjetivo, era o adjetivo somente que tinha o /s/ excluído. E, no último caso, quando eram adjetivos precedidos por artigo, somente o adjetivo perdia o /s/.

Variação entre /aNo/ e /uN/

Houve variação nas pronúncias de palavras com o final em /aNo/, principalmente em “não”. A forma “num” foi dita por todas as informantes como advérbio de negação:

Fala	Modo usado	Total de vezes
Num	Advérbio de negação	21 vezes
Num	Forma contraída da preposição "em um"	1 vez
Não	Advérbio de negação	34 vezes

Fonte: Elaboração da autora

Em quase todas as falas, a forma “não” foi a escolhida, exceto na da informante 3, que utilizou essa pronúncia uma única vez e “num” catorze vezes. Em um primeiro momento, a

variação mostra não ser exclusiva a nenhum grupo, mas, se pensarmos nos contextos, há algo que pode ser visualizado. Diferente da informante 3, todas as informantes disseram “num” quando era em meio de frase. Já quando o advérbio estava no início, ou sozinho, elas optavam pela forma “não”:

“**Não, num... num** conhecia direito”

“eu gosto muito daqui, **num** tenho queixá daqui não”

“a gente **num** queria mais morá mais de aluguel”

“Somente, no mais **num** mudo nada.”

“na verdade eu **num.... não** morava aqui no em Taipas”

Já a informante 3 usou a forma nos dois contextos:

“**num** tinha asfalto, **num** tinha nada aqui”

“Aqui era **num** tinha luz, **num** tinha água, **num** tinha.”

Amadeu Amaral (1920) registrou e estudou o dialeto caipira. Em sua obra vemos com recorrência o uso do “num”. A informante 3 nasceu e cresceu em uma área na qual o dialeto é falado (norte do Paraná) e talvez sua variação se dê em ocorrência da região em que desenvolveu o seu modo de falar. Outra informante, a 4, também nasceu em um local no qual o dialeto caipira é falado. No entanto, veio para a cidade de São Paulo jovem e deve ter sido influenciada pelo sotaque paulistano.

Outro ponto que ocorre em todas as falas é que “num” é sempre seguido por um verbo, diferindo de “não”, que aparece sucedido por outras formas:

“**não** *poquê* eu vinha eh por aqui nesse caminho, né”

“**Não** do Amazona não tenho lembrança”

“Tenho... **não** muito boas, mas tenho”

Na obra de Amadeu Amaral (1920), há registro do uso de “num” seguido por um pronome: “ninguém num me disse” e “Vacêis num me atente, num me atente, que sinão ainda faço um esparramo”. “Num” foi definido por Amaral (1920) como a forma proclítica de “não”.

Pode ser que essa escolha esteja no fato de que “num”, também sendo a forma contraída de “em um”, iria soar com outro significado se acompanhado de outras classes gramaticais que não verbos ou pronomes. Por exemplo, se dissermos “num porque” iria parecer com “em um porquê” ao invés de “não porque”.

A informante 6 também realizou a troca do /aNo/ por /uN/ na palavra “São” de “São Paulo”. Outras quatro informantes também disseram o nome da cidade, mas utilizaram a forma padrão. O que se supõe é que a forma “Sum Paulo” faça parte do dialeto do local em que nasceu e cresceu a informante 6.

O uso do “cê” como segunda pessoa do singular

Nas entrevistas das informantes 2, 3 e 6, houve a presença da forma “cê” como segunda pessoa do singular. Fazendo um comparativo, ele foi usado mais vezes que a forma padrão “você”:

Fala	Total de vezes
Você	3 vezes
Cê	10 vezes

Fonte: Elaboração da autora

A informante que mais utilizou a forma “cê” foi a número 6, seis vezes, seguida pela 2, três vezes, e por último a 3, uma vez. O restante, as informantes 1 e 5, não disseram nenhuma das maneiras e a informante 4 somente utilizou a forma padrão. Se compararmos as duas primeiras informantes, que mais falaram a forma não padrão, percebemos que o que possuem em comum é a área rural em que cresceram.

Pensando nas classes de palavra, na maioria das vezes em que “cê” aparece é seguido por um verbo:

“agora **cê pegô** firme”

“então **cê tinha** que fazê compra no Panamericano”

“**cê vai** acostumando, né”

“pá quem vem da zona sul pra cá **cê estranha** um pouco”

No entanto, em três ocorrências, foi sucedido por uma conjunção e advérbio:

“Que mais **cê qué** sabê?”

“tem tudo que **cê qué** tem tá aqui por perto”

“que **cê não** precisa sai pra fora assim”

A incidência maior do uso de “cê” com verbos já foi constatada, mesmo que com pouca diferença, por Peres (2006), Ramos (1997) e Andrade (2004): “Os dados de Ramos (1997) e Andrade (2004) evidenciam que *cê* é favorecida quando a forma se encontra contígua ao verbo e é desfavorecida quando não está contígua a ele” (PERES. 2006, p. 140)

Monotongação

O fenômeno da monotongação, que consiste em reduzir ditongos a um único fonema, esteve presente na fala das informantes 1, 2, 3, 4 e 6. As palavras que sofreram com o apagamento da semivogal dos ditongos foram:

Quadro 5 - Monotongação de /ou/ e /ei/

Fenômeno	Fala
Apagamento do /ou/	<i>pôca; lavora; pôco, otô, optô, pegô, criô, tô, vô, açôgue, começo</i>
Apagamento do /ei/	<i>quêxá; brincadêra; dêxá; dinhêro; primêro; colhêta</i>

Fonte: Elaboração da autora

No primeiro caso, as informantes 1, 2, 4 e 6 realizaram o apagamento da semivogal [w] em suas falas, o restante das informantes não pronunciou palavras com o ditongo. O que se presencia é que ele ocorre independente da escolaridade, tendo informantes que concluíram do Ensino Fundamental I até o Ensino Médio, e com falantes de área rural.

As informantes 1, 2, 3, 4 e 6 monotongaram /ei/, a informante 5, única que não consta na lista, não pronunciou palavras que continham o ditongo. Nesse caso, a variedade do grau de escolaridade e a região em que cada uma nasceu ou cresceu é ainda maior.

Observa-se também que, todas as vezes em que foram monotongados, os ditongos estavam na sílaba tônica (fato observado também por Cristofolini (2011) em seus estudos sobre o ditongo /ou/) e eram seguidos por uma consoante. No caso de /ei/ é importante notar que, divergindo-se de /ou/, sua monotongação nunca acontece quando o ditongo está em final de palavra, como em: casei, passei, morei, sei, mudei, trabalhei, mudei, comecei, cheguei, acabei, voltei, fiquei, comprei e achei. Essas palavras foram ditas em sua forma padrão.

Em todos os termos que /ou/ aparece, houve a monotongação, diferindo-se de /ei/, que teve três exceções (além da que ocorreu quando estava em final de palavra): “direito”,

“dezesseis” e “seis”. Uma possível explicação para as segundas palavras seja a fricativa [z] posterior ao ditongo, já que grande parte das palavras com terminação em [z] costuma ter a inserção da semivogal [j], mesmo que na sua grafia ela não esteja presente, como em “*três*” e “*nóis*”.

No caso de “direito”, vemos certa semelhança com “colheita” (considerando o [t]) que, diferente do primeiro, foi monotongada. Pode ser que a tepe alveolar [r] faça diferença nesse caso. Outra hipótese é que a pronúncia “*dirêto*”, com o apagamento da semivogal [j], se confundiria com “direto”. Importante dizer que a informante que disse “*colhêta*” foi a 2 e a que disse “direito” foi a 3. A diferença de escolaridade entre elas também pode servir de parâmetro.

Aférese

O processo fonológico da aférese, que é o apagamento de um fonema no início de uma palavra, é presenciado na fala das informantes 1 e 6:

“Olha eu vim pra ‘**qui** pra *Sum* Paulo”

“Olha a gente ti tinha uma vida ‘**ssim**... eh com ‘é que vô te fala”

“e fiquei até hoje. ‘**té** agora que eu fiquei, né?”

“era uma um lugar bem esquisito, ‘**tendeu**?”

“eu não tenho quexá não do meu bairro não ‘**tendeu**?”

“tem dois anos que eu **tô** aqui direto, né”

“subiu muito **tava** muito alto”

“tá bom, **tá** muito bom agora, viu?”

Nas duas primeiras frases, o apagamento ocorre em decorrência de haver dois fonemas /a/ seguidos um do outro, estabelecendo uma economia linguística. Sobre isso, Vieira (2012, p. 126) afirma: “[...] a tendência da língua é de eliminar as sequências de fonemas idênticos”.

Outra questão é que o morfema a- de “até”, “aqui” e “assim” é asemântico e isso pode ser um fator que define se ocorrerá ou não seu apagamento:

Sob variações condicionadas tanto do ponto de vista lingüístico quanto extralingüístico, este fenômeno está se infiltrando no sistema da língua atingindo primeiramente os em que o |a| não é signo mínimo, para depois, numa escala gradual de saliência mórfica, atingir o léxico em que o |a| inicial possui algum traço de significação morfológica. (GONÇALVES, 1992, p. 68)

Todas as palavras perderam o morfema a- quando ele estava em sílaba pretônica, o que pode ter sido uma contribuição para o seu apagamento. Também, quando ocorre a queda da primeira sílaba em “Øté”, a palavra é precedida pelo [e] de hoje e essa semelhança com o fone [ɛ], que tem mais traços em comum do que com [a], pode ter gerado uma aproximação que excluiu o a-.

Sobre os morfemas es- e en-, Mollica et al. (1998, p.72) afirmam que eles são alguns dos morfemas mais comuns de sofrerem com aférese no português brasileiro contemporâneo. Gonçalves (1993), citado por Vieira (2012, p. 126), certifica que o verbo mais atingido pelo apagamento de es- é o verbo estar, como observa-se na fala da informante 1 e 6 ocorreu com “Øtô”, “Øtá” e “Øtava”.

Já o morfema en- é comum que seja apagado no verbo “entender”, se tornando “Øtendeu” ou “Øtendi”, forma dita pela informante 1, que não pronunciou o modo padrão da palavra nenhuma vez. As informantes que tiveram esse fenômeno atestado em suas falas, com exceção de “tá” e “tava”, são da região Nordeste, mas de estados diferentes e escolaridade distinta – do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio completo. Já as variações no verbo “estar” foram realizadas por todas as informantes.

Iotização de [ʎ] e rotacismo

A iotização de [ʎ], que é quando ocorre uma mudança de consoante ou vogal para /i/, somente foi realizada na fala da informante 1, na seguinte palavra:

“eh... eu **trabaiáva** na roça com meu pai, minha mãe meus irmão”

Marroquim (1934, p. 7) considerou sobre os falares do Nordeste, mais especificamente de Alagoas e Pernambuco, a presença a iotização do [ʎ] nas classes mais baixas:

Lh. Perde o som molhado, deixa de ser vibrante. É fenômeno geral entre o povo: mio, fio, atrapaiá (r), imbruiá (r), teia. Às vezes despalataliza-se: mulé, le, por mulher, lhe. A classe educada pronuncia em geral mubilha, família por analogia com filha; o povo diz mubia, famía. óleo é ólho e também óio. (MARROQUIM, 1934, p.7)

Em outras formas do verbo “trabalhar” não ocorreu o processo de despalatalização:

“Na roça **trabalhando**”

“*constutora* começo a **trabalha**”

Em outras palavras também:

“tá bem **melhó** poque quando eu vim pra cá era muito bom”

“daqui pá frente **melhorá** mais ainda”

“aqui é muito **maravilhoso**”

O rotacismo, que é a substituição de um fonema pela consoante [r], esteve presente na fala da informante 2:

“e nem pode **pranta** isso nem pode planta aquilo”

“tem gente que gosta de **recrama**, mas a gente num deve **recrama**”

Uma explicação para a ocorrência deste fenômeno pode estar no ponto de articulação próximo das consoantes líquidas [r] e [l]:

Isso, possivelmente, deve-se ao fato de serem do ponto de vista articulatório muito próximo. Quanto ao ponto de articulação, há muitas semelhanças, pois ambas são realizadas com a ponta da língua tocando os alvéolos dos dentes. (FREITAG *et al.*, 2010, p. 18)

Sendo a única a realizar o rotacismo na fala, podemos pensar que os fatores que levaram a informante 2 a essa circunstância foram sua escolaridade e o local em que cresceu. Apoiar-se essa teoria nos dados de Castro (2006, p. 215), que constatou a presença do rotacismo em todo território paranaense, analisando as palavras eclipse, glândula, neblina, flor e clara, e de Costa (2007, p.16), que, em sua pesquisa, verificou que a escolaridade com até quatro anos de estudo favorecia a aparição do fenômeno.

Além disso, Amadeu Amaral também demonstrou o aparecimento do rotacismo na fala do dialeto caipira. Outra questão é a idade, já que Sanches e Gonçalves (2019, p. 134) evidenciaram serem as pessoas de idade entre 50 e 75 anos mais suscetíveis à variação. O estudo deles, no estado do Amapá, evidenciou que as cidades com maior ocorrência do fenômeno eram as que estavam distantes da capital, localizadas no extremo norte do estado (SANCHES E GONÇALVES, 2019, p.135), como é o caso da informante 2, que nasceu e cresceu no interior no Paraná, na zona rural.

Conclusão

Quadro 6 – Resumo

Fenômenos	Quantidade de dados coletado
Apagamento do /r/ em final de verbo no infinitivo	14
Apagamento do /r/ pós-vocálico em não verbos	19
Síncope do /r/	54
Apagamento do plural e do /s/ pós-vocálico em final de palavra	18
Variação entre /aNo/ e /uN/	57
O uso do “cê” como segunda pessoa do singular	13
Monotongação de /ou/ e /ei/	17
Aférese	22
Iotização de [ʌ]	6
Rotacismo	3

Fonte: Elaborado pela autora

Sintetizando os dados desta pesquisa, pode-se afirmar que a escolaridade, faixa etária, região onde cresceu a falante e as classes gramaticais das palavras são fatores condicionantes para o aparecimento dos fenômenos listados neste trabalho.

O apagamento do /r/ em final de verbo no infinitivo é comum a todas as informantes, então, com base em outras pesquisas, considera-se algo próprio do falar brasileiro. A queda do /r/ em final de sílaba de outras classes gramaticais teve variação, sendo o aspecto predominante para ocasioná-la a região da qual a falante vinha. Já a síncope do /r/, em um dos termos, foi presente em todas as entrevistas. No restante das palavras, a síncope ocorreu somente com a informante 1, não tendo, assim, um traço definitivo para sua aparição.

O apagamento do /s/ e do plural os quatro aspectos estudados nesta pesquisa: faixa etária, região, escolaridade e classe gramatical. As informantes de áreas rurais, mais velhas e com menos escolaridade realizaram mais a queda do /s/. Substantivos apresentaram mais a variação, seguido por adjetivo.

A variação entre /aNo/ e /uN/, quanto ao “num”, apesar de presente em todas as falas, se mostrou algo próprio do dialeto caipira paranaense. O uso do “num” só ocorre quando próximo a um verbo e, na maior parte dos casos, no meio de frases, ou seja, não inicia nem é dito sozinho. Já o “Sum” de “São Paulo” é algo particular do dialeto baiano.

O uso do cê como segunda pessoa do plural foi escolhido, na maioria das vezes, pelas informantes de áreas rurais, o que não significa que seja típico desta região, considerando o pequeno número de participantes. Já na análise sintática, apesar de pesquisas comprovarem que sua incidência é maior quando junto a um verbo, as falas das informantes tiveram a quantidade de aparição entre verbos e não-verbos próxima.

O fator que proporcionou o aparecimento da monotongação de /ou/ foi a região rural. Já em /ei/, não teve nenhuma restrição, aconteceu em todas falas. A sílaba tônica também foi um aspecto determinante para a monotongação dos dois ditongos. Não ocorria o fenômeno quando o ditongo era seguido por vogal ou, apenas no caso de /ei/, estava em final de palavra.

A aférese ocorreu na fala de todas as informantes com relação ao verbo “estar”, já o restante das palavras teve a primeira sílaba apagada somente pelas que cresceram no Nordeste, em Pernambuco e Bahia. Fonemas iguais seguidos contribuíram para o apagamento de um deles por causa da economia linguística. Se o prefixo não tiver um significado, ele tem mais chance de desaparecer. Quando o fonema que precede e o que segue a sílaba têm traços parecidos, pode ser que crie um ambiente favorável ao aparecimento da aférese.

Não podemos tirar uma conclusão dos fenômenos de iotização e rotacismo, já que aconteceram individualmente, mas pode ser que demonstrem uma variedade regional. Casos anteriores de estudos nos estados em que as informantes viveram registram os fenômenos, e, no caso de rotacismo, também temos um possível fator de escolaridade e faixa etária como favorecedores.

Referências

ANDRADE, Adriana L. V. S. **A variação de ‘você’, ‘cê’ e ‘ocê’ no português brasileiro falado**. 2004. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**. 4. São Paulo: Editora Hucitec/Inl-Mec, 1920. Disponível em https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0042-01267.html. Acesso em 14 julho 2021.

BRITO, Edvan Pereira. O apagamento do /s/ pós-vocálico numa favela do Rio de Janeiro. **A Cor das Letras**, n. 1, p. 155, abr. 2020.

CALLOU, Dinah M; LOPES, Célia Regina dos Santos. Contribuições da Sociolinguística para o Ensino e a Pesquisa: A Questão da Variação e Mudança Linguística. **Revista GELNE**, v. 5, p. 63-74, 2004. Disponível em <https://laborhistorico.letras.ufrj.br/producao/Callou&Lopes2004.pdf>. Acesso em 11 julho 2021.

CASTRO, Vandersí Sant'Ana. **A Resistência de Traços do Dialeto Caipira: Estudo com Base em Atlas Lingüísticos Regionais Brasileiros**. 2006. 285 f. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270462/1/Castro_VandersiSant%27Ana_D.pdf. Acesso em 16 julho 2021.

COSTA, Luciane Trennephol da. Análise Variacionista do Rotacismo. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, n. 9, p. 1-29, ago. 2007. Disponível em http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_analise_variacionista_do_rotacismo.pdf. Acesso em 17 julho 2021.

CRISTOFOLINI, Carla. Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. **Revista da ABRALIN**, n. 1, jun. 2011. Disponível em <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1067>. Acesso em 16 julho 2021.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O Português da Gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 273 p.

LABOV, William. Sociolinguística – Uma Entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, n. 9, p. 1-3, ago. 2007. Disponível em http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf. Acesso em 17 julho 2021.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 215-300. Tradução de: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso.

LINS, Neilton Farias. Apagamento do Plural na Concordância Nominal do Falante de Maceió. **Letra Magna**, n. 22, p. 63-77, jul. 2018. Disponível em http://www.letramagna.com/artigos_22/artigo05_22.pdf. Acesso em 12 julho 2021.

MARROQUIM, Mario. **A Língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1934. p. 243. Disponível em <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/103/1/25%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em 16 julho 2021.

MOLLICA, Maria Cecília et al. Variação e função em aférese. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, n. 2, p. 71-87, dez. 1998. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2295/2244>. Acesso em 22 julho 2021.

PERES, Edenize Ponso. **O Uso de Você, Ocê e Cê em Belo Horizonte**: Um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. 2006. 247 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Teses/Edenize_Perez.pdf. Acesso em 12 julho 2021.

RAMOS, Jânia. **O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 43-60.

SANCHES, Romário Duarte; GONÇALVES, Rosilene Miranda. O Rotacismo na Fala de Amapaenses. **Revista Sociodialeto**, n. 29, p. 122-140, nov. 2019. Disponível em <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/244/224>. Acesso em 17 julho 2021.

SILVA, Rosana Aparecida Leitão da; CUNHA, Gabriella Weinz. Variação linguística: ocorrência de apagamento do fonema /R/ em final de sílaba. **Revista de Letras**, Curitiba, n.

32, p. 176-191, mar. 2019. Disponível em
<https://revistas.utfpr.edu.br/rl/article/viewFile/7256/6253>. Acesso em 17 julho 2021.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.120.

VIEIRA, Raquel Peixoto Ferreira. **Historiografia-Linguística dos Métodos de Estudo Sobre Aférese no Brasil**. 2012. 147 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/156/o/tese_Raquel_Peixoto_Ferreira_Vieira_leitura.pdf. Acesso em 22 julho 2021.

Recebido em: 21/08/2021 Aceito em: 21/09/2021